

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES
FACULDADE DE ARQUITETURA



**O POTENCIAL DOS LIVROS MÓVEIS E POP-UP
ATRAVÉS DA ENGENHARIA DO PAPEL,
DO DESIGN E DA ILUSTRAÇÃO**

Mariana do Carmo Rodrigues Nascimento

Trabalho de Projeto

Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas
Trabalho de Projeto orientado pela Prof.^a Doutora Sofia Leal Rodrigues

2022

ANEXO “O POTENCIAL DOS LIVROS MÓVEIS E POP-UP
ATRAVÉS DA ENGENHARIA DO PAPEL,
DO DESIGN E DA ILUSTRAÇÃO”

Como ANEXO desta investigação foi criado um objeto editorial – Livro pop-up –que funciona como complemento do Trabalho de Projeto.

As páginas seguintes correspondem às fotografias do livro “Lendas & Contos”, na sua totalidade.

Para além dos registos fotográficos, também se encontra disponível uma versão em vídeo do livro “Lendas & Contos”, através do seguinte link:

https://www.youtube.com/watch?v=EvTA49Drgg4&ab_channel=MarianaNascimento



LIVRO
POP-UP

LENDAS
&
CONTOS

POP-UPS & ILUSTRAÇÃO
MARIANA
NASCIMENTO



LIVRO
POP-UP

LENDAS
&
CONTOS

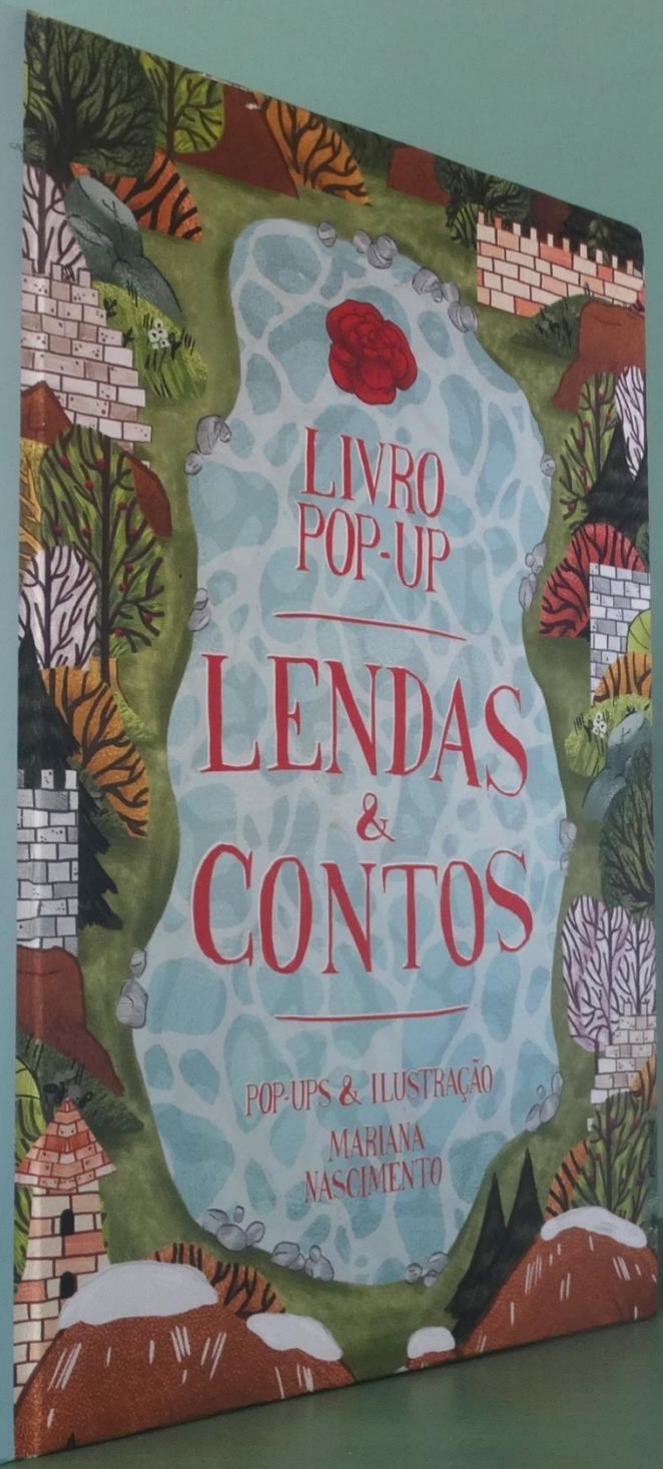
POP-UPS & ILUSTRAÇÃO
MARIANA
NASCIMENTO

LIVRO
POP-UP

(LENDAS & CONTOS)

MARIANA
NASCIMENTO

STUDIO
POP



LIVRO
POP-UP

LENDAS
&
CONTOS

POP-UPS & ILUSTRAÇÃO
MARIANA
NASCIMENTO



LIVRO POP-UP
**LENDAS
&
CONTOS**

Portugal possui um rico património cultural e um vasto repositório de histórias populares e este livro apresenta uma seleção dessas lendas que te transportaram para uma aventura maravilhosa pelo mundo dos pop-ups.

O Livro contém as seguintes lendas: a Lenda do Milagre das Rosas, a Lenda do Pastor e da Estrela, a Lenda das Amendoeiras, a Lenda da Batalha da Cobra e a Lenda das Sete Cidades.

Este projeto foi criado no âmbito de Dissertação de Mestrado, com os objetivos de sensibilizar o público sobre a importância e potencial dos livros interativos para crianças e contribuir para a disseminação e conhecimento desta forma artística.

**STUDIO
POP**

ISBN 978-0-9781022-8-0
9 780978 102289

LENDAS & CONTOS / POP-UP



LENDA DO MILAGRE DAS ROSAS



Chegara o mês de janeiro. Em Coimbra, as casas das monjas de Santa Clara, quase destruídas pelas cheias do Mondego, reconstruíram-se rapidamente. Isso fora possível porque a rainha D. Isabel velava por elas.

Quando algum desgraçado se via sem pão, dentro de um lar, minado pela doença, logo procurava a sua rainha.

E se nem sempre regressava com saúde para o corpo, pelo menos trazia pão para a boca, e palavras tão lindas ressoando aos seus ouvidos que, por si só, já constituíam consolação para o seu espírito.

De todos essa esposa e filha de reis cuidava de todos, como se fossem pessoas suas. Levava o seu zelo ao ponto de ir, ela própria, vigiar os trabalhos em curso nas casas das monjas. Os operários, desvanecidos com a real presença, e ainda com os auxílios monetários que D. Isabel trazia aos mais necessitados, trabalhavam com ardor.

Porém, como sempre acontece neste mundo, a rainha não tinha somente amigos. E, certa vez, um despeitado da corte procurou azedar o ânimo de el-rei D. Dinis.

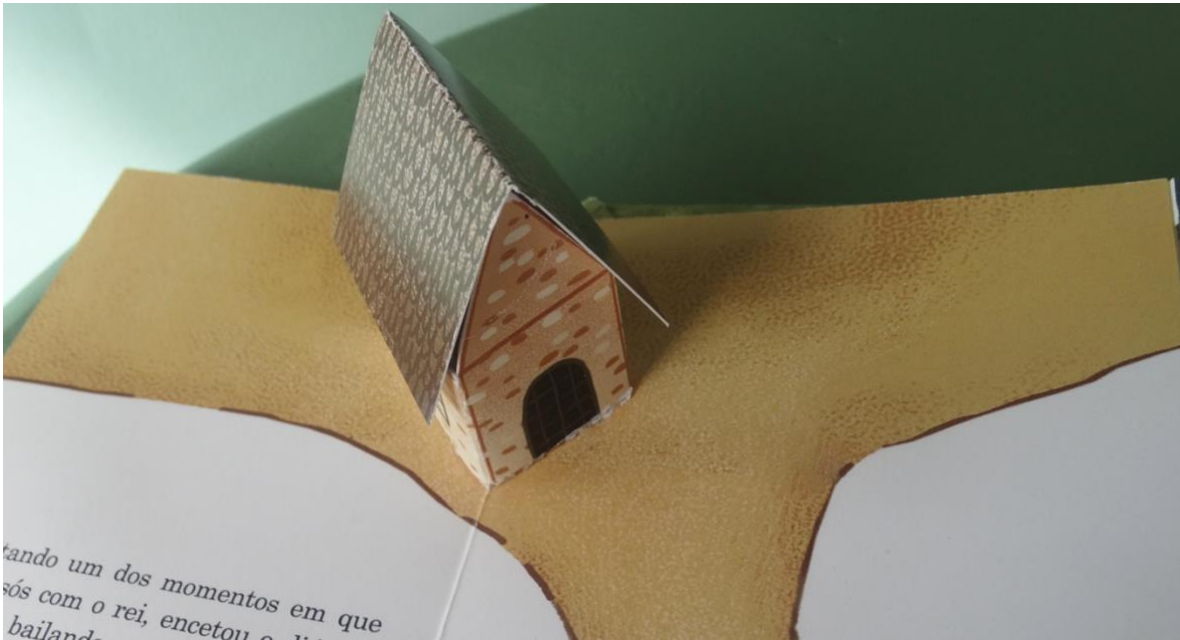




O povo proclamava, de lágrimas nos olhos:
"Foi um milagre! Foi um milagre! É santa
a nossa rainha!"

E o povo, gente grande com alma de meni-
no, dentro das suas inesperadas reações, é
aquele cuja voz deve ecoar no céu. Assim,
saltitando de boca em boca, o milagre das
rosas chegou até nós e continuará para
além dos séculos.





tando um dos momentos em que
sós com o rei, encetou o
bailand

...ago retirou-se
...cia o rei e sabia, de p
impressionado. Quanto ao monarca,
que ficou longe das vistas do seu súb

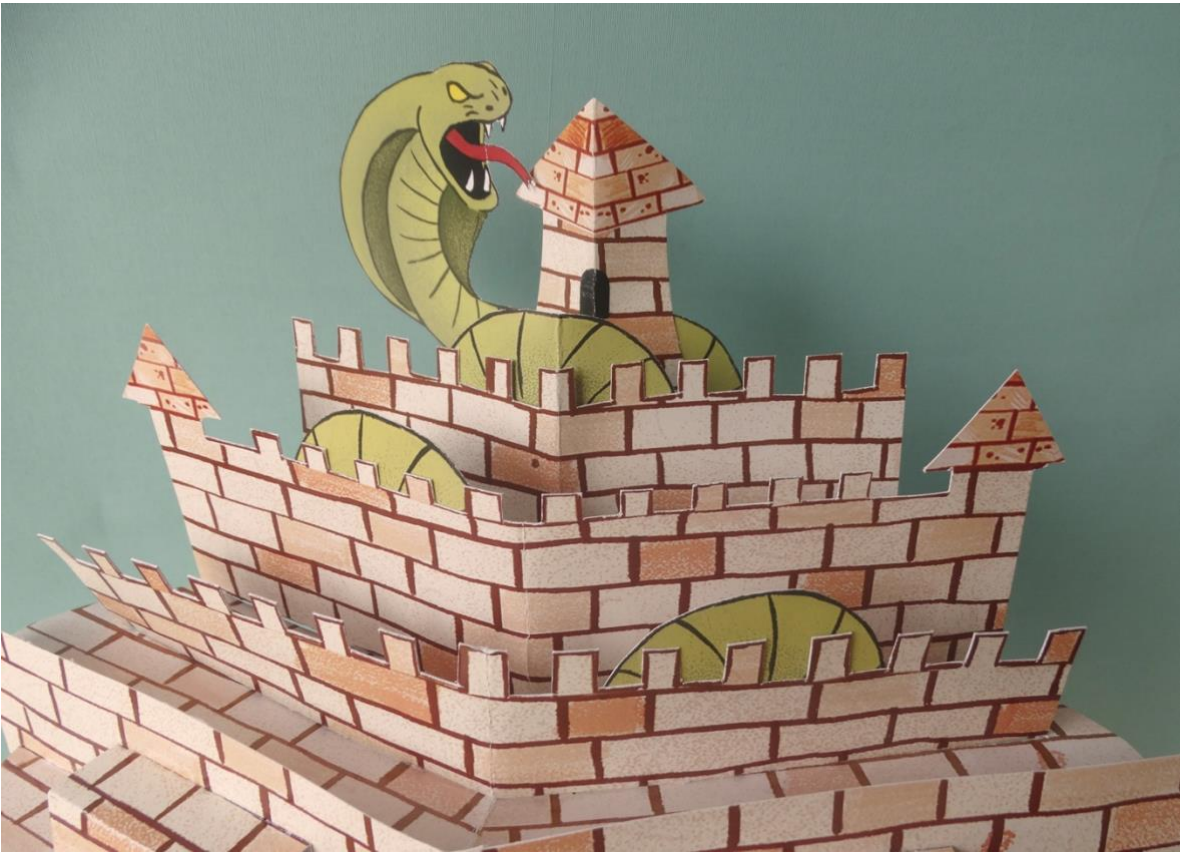
...ua, senhora
cada, mas lembrei-me
— Agradeço-vos a bo
A rainha disse estas p
as instintivamente re
o a disfarçar o que le
ém esse gesto, embora
escapou à perspicácia





...mprimen-
...stou-se, deixando q
...seu caminho.
...ioso e a paz que resplan-
...osto entraram na própria
...compunham a sua comitiva.

gu
transi



LENDA DA BATALHA DA COBRA

Naquele tempo — há muito tempo... — o filho de um rei egípcio veio aportar a terras da antiga Lusitânia. Encontrou vasto campo disponível, instalou-se aí, depois de breve luta, e formou o seu reino. Ora, Hércules Líbio tinha uma filha lindíssima, Neiva que era o encanto de quantos tinham a dita de a conhecer. Porém, Hércules Líbio escondia-a ciosamente, pois todos os jovens lhe pareciam indignos da sua formosa filha.

Certa manhã, um guerreiro chegou junto do palácio. Vinha em jornada de outras terras. Sentia sede e fez parar o cavalo, que batia na terra quente com impaciência.



A tarde caminhava de mansinho, indiferente ao drama que se desenrolava no palácio de Hércules Líbio. Só, tendo apenas a espada na mão e no peito a vontade inquebrável, Gastão tentava fugir ao encantamento da serpente. Encontrá-la fora-lhe fácil. Vencê-la é que seria difícil.

Frente a frente, a vida e a morte mediam distâncias. A Coluber ficara estática. Dir-se-ia ter descoberto um adversário perigoso.



A curiosidade do jovem cavaleiro ag

— Como se chama a tua ama?

— Neiva, filha de Hércules Líbio,

— Neiva... Bonito nome!

De longe, uma voz bonita soou entã

— Marta! Marta!

— Aí vem a menina... Vá-se emb

— Responde daqui! Quero vê-la!

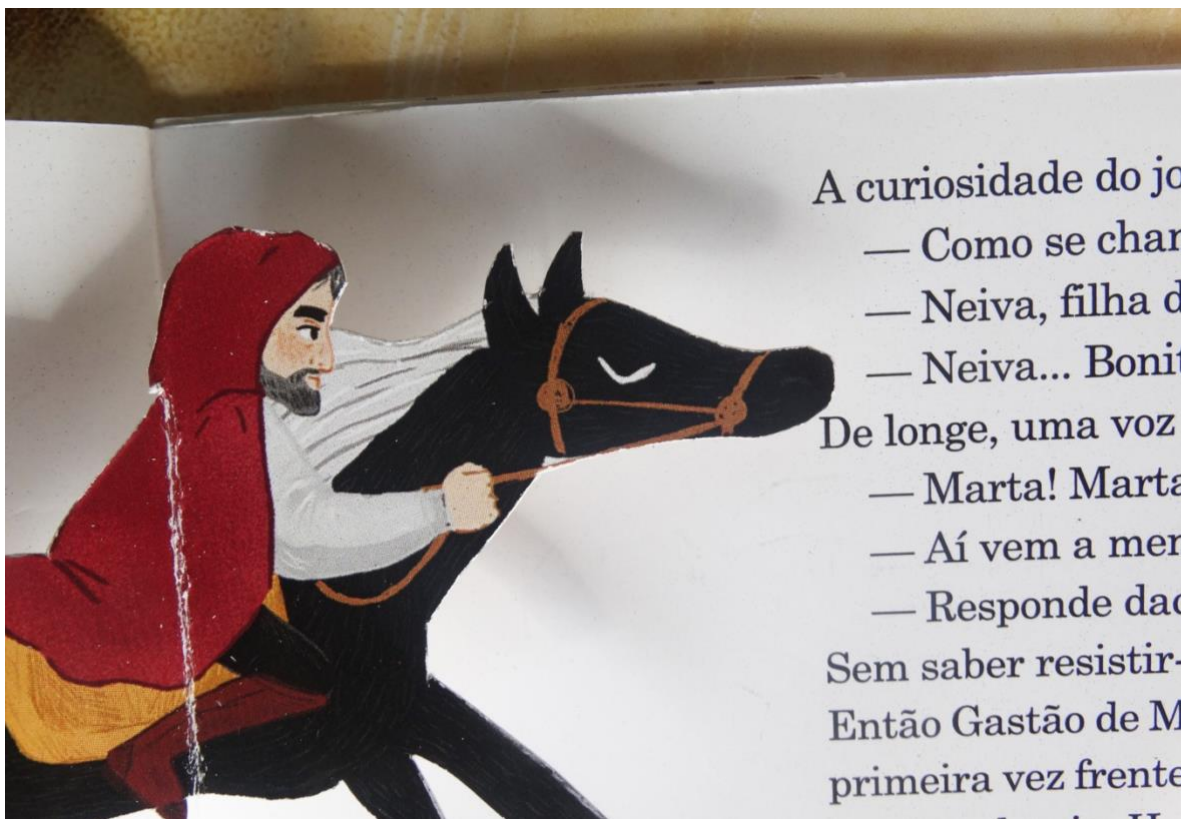
Sem saber resistir-lhe, Marta obed

Então Gastão de Mendonça e a jove

primeira vez frente a frente. No olh

presa e alegria. Havia luz e calor.

Passaram semanas e encontravam



A curiosidade do jo

— Como se char

— Neiva, filha d

— Neiva... Bonit

De longe, uma voz

— Marta! Marta

— Aí vem a mer

— Responde dac

Sem saber resistir-

Então Gastão de M

primeira vez frente



para cair sobre o jovem. Mas ele
caída e decepou-lhe a cabeça, de
vez de uma, a Coluber transfor-
procuravam atacá-lo, cada uma

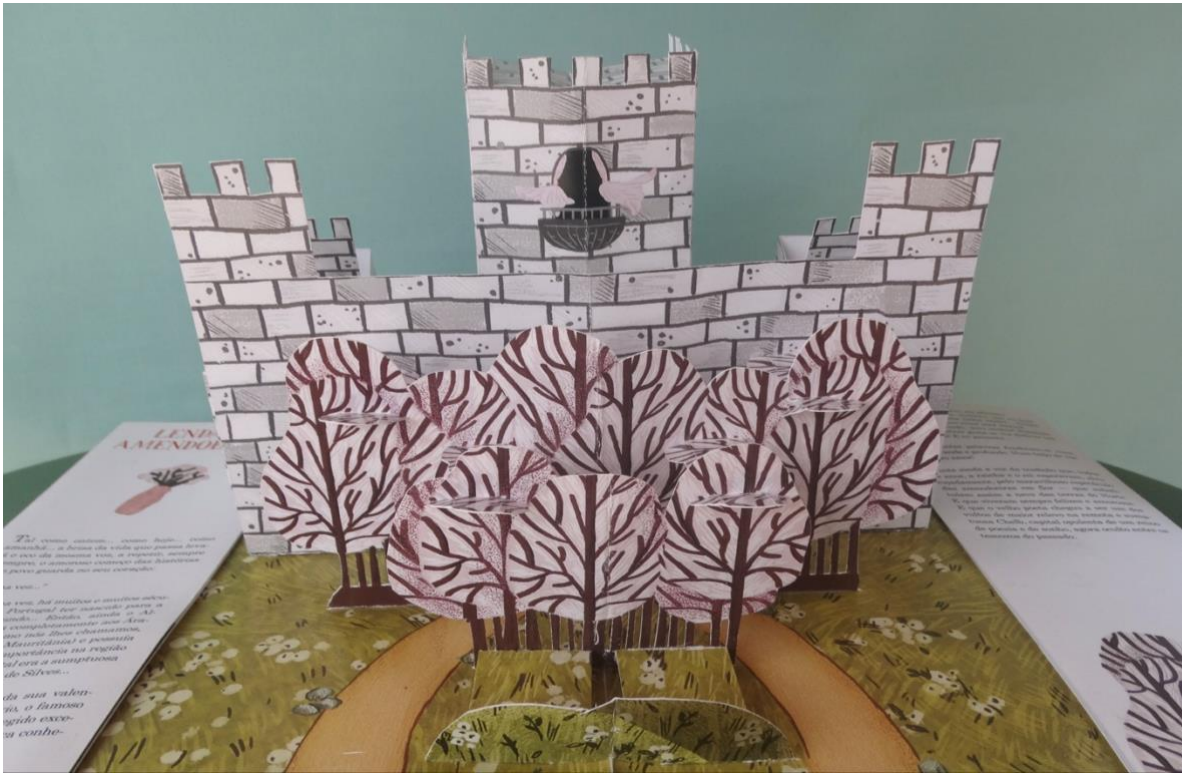
se desorientou. Da sua espada
plena batalha, rodeado de inimi-
cuber, de tal sorte que, por fim, ela
eteu-a dentro de um caixote, sem
mentos a que a reduziu.

A uma distância respeitável, um grupo enor
Eram os aldeões, prevenidos do que se estava
dos criados fugidos do palácio.
Um clamor imenso saiu de todas as bocas, v
rói. Ouvindo o alarido, os homens de Hérc
do da sala, a pouco e pouco. Dando largar
o povo saltara os muros e invadira o ter
Os mais novos dançavam à volta do
radas com as cinzas da própria Col
ria, o herói foi levado em triunfo a
Aí, Hércules e Neiva esperavam-r
pria morte. Nem queriam acediv
"Gastão de Mendonça vencera



Os cortesãos e
iva, recebia a
asou com a
, Hércules

O tempo foi fazer
tantes, mais cas
a tudo assiste,
meiramente e
famosa cidad



LENDA DAS AMENDOEIRAS



Tal como ontem... como hoje... como amanhã... a brisa da vida que passa levará o eco da mesma voz, a repetir, sempre e sempre, o amoroso começo das histórias que o povo guarda no seu coração:

“Era uma vez...”

Pois era uma vez, há muitos e muitos séculos, antes de Portugal ter nascido para a história do mundo... Então, ainda o Al-Gharb pertencia completamente aos Árabes ou Mouros (como nós lhes chamamos, por terem vindo da Mauritânia) e possuía a sua zona de maior importância na região de Al-Faghar, cuja capital era a sumptuosa e remota Chelb, a cidade de Silves...

Reinava, com toda a fama da sua valentia e com a força do seu poderio, o famoso Ibne-Almundim, guerreiro protegido excepcionalmente por Má, porque nunca conhecera a derrota.

Era muito novo, sim, mas já o consideravam, e com toda a razão, o mais temido dos reis mouros do seu tempo. O mais temido e o mais destemido de todos eles!



Ele aproximou-se mais.

— E é assim tão forte... essa vontade... que não vos deixa ler nos meus olhos aquilo que os meus lábios não se atrevem a dizer? Surpreendida, ou fingindo-se surpreendida, Gilda, olhou de frente para o rei mouro. Olhar profundo, investigador.

— Como, senhor?... Que dizeis?... Não vos compreendo...

O invencível rei mouro, corou como se fosse um simples garoto enamorado.

— Pena tenho que assim suceda... Mas a verdade é que deveis possuir alguma coisa de magia... Mesmo longe de mim vos tenho sentido perto, Gilda!

Depois ele perguntou vagorosamente.

— Ouvistes como eu disse agora o vosso nome... Gilda?

E a sua voz tremeu.

— Pareceu-me tão doce, que quase não o conheci...

O rei ganhou, de súbito, novos entusiasmos. Prendeu as mãos de Gilda.

— E quereis saber porquê?... Disse o vosso nome mais com o coração do que com os lábios!

Um murmúrio saiu dos lábios de Princesa do Norte:

— Senhor...

Mas já ele, revigorado pela esperança, deixava que a febre do amor se apossasse da sua voz e dos seus gestos.

— Para quê disfarçar, Gilda?... Eu não quero... eu não posso deixar-vos partir... Fica, Gilda, fica! Peço-vos!

E desde então se diz que se realizaram, por tal motivo, festas de um aparato invulgar. O casamento de Ibne-Almundim, o jovem rei mouro, com Gilda, a bela e cativante Princesa do Norte, atraiu gente de todos os lados. Chelb viveu horas extraordinárias de alegria. Vieram preciosas oferendas. Vieram trovadores e músicos de terras distantes e bailarinas de corpos esculturais, que enfeitavam os olhares dos homens.



de súbito, novos entusias-
s mãos de Gilda.

Vieram trovadores e m
tantesm bailarinas de
que enfeitiçavam os ol



Tudo isso durou vários dias e várias noites, num crescendo de entusiasmo...

Foi precisamente no meio da festa do último dia, quando a alegria estava no auge, que o rei mouro deu pela falta de Gilda, a bela Princesa do Norte, que era já a sua esposa. Ao primeiro momento de espanto seguiu-se uma crise violenta de fúria.

— Gilda! Gilda!... Onde está Gilda?

E como os outros o olhassem, sem responder, o rei mouro ordenou, num berro:

— Procurem-na, imbecis!... Ai de vós se não a encontras, ai de nós!

Apavorados com a ameaça do rei, os seus vassallos depressa deram com o paradeiro de Gilda, a bela Princesa do Norte...

Estava doente, quase morta, no leito, ainda pálida do que habitualmente. Os seus olhos inundados de lágrimas.

Mal tomou conhecimento do facto, Ibne-Almunbin, como que tresloucado, correu a ajoelhar-se junto de Gilda.

— Senhora... dizei-me o que sentis... qual a doença que vos aflige...

A custo ela conseguiu voltar a cabeça para ele. Os seus olhos quiseram sorrir, mas as lágrimas não deixaram.

— Meu rei e senhor... não sei... não sei!... De súbito fiquei assim... Acreditai... Não sei porquê mas pesa-me o coração... Sinto... sinto que vou morrer!

O rei mouro agarrou-se às mãos frias da sua Princesa.

— Princesa ... Sem vós, eu não saberia viver!

Num derradeiro recurso, o rei deu ordem para que se reunissem todos os sábios do reino. No entanto, a bela Princesa do Norte

não voltara a abrir os seus lindos olhos azuis. Tal como pressentira, continuava a morrer lentamente...

E quando o rei mouro, abatido, desalentado — vencido pela primeira vez na sua vida! —, já não tinha mais qualquer esperança e chorava sozinho a sua dor, vieram dizer-lhe que um velho prisioneiro, também das terras do Norte, antigo súbdito do pai de Gilda, queria falar-lhe.

Hesitou, interrogando-se: «E se ele soubesse algo da doença de Gilda?»...

Então, mandou que entrasse. E um velho, mirrado pelo sofrimento e pela idade, avançou até junto de Ibne-Almundim.

— Sei o que vos aflige, rei dos Mouros. E poderei ajudar-vos... Não por vós, um tirano... Mas por ela, a minha linda Princesa! O outro olhou, desconfiado.

— E que sabes tu de doenças, para a poderes salvar, quando os outros já fracassaram?... És sábio, também?

O velho sorriu levemente e retorquiu:

— Não sou sábio, não, real senhor... Sou um poeta!

O punho fechado do rei mouro descarregou um soco violento sobre o braço da cadeira em que se sentara.

— Poeta?... E para que me serve a poesia, neste momento?

Ousado, o velho prisioneiro deu um passo em frente e não perdeu a calma, pelo contrário.

— Para vos abrir os olhos, senhor, já que teimais em tê-los fechados da verdade...

Furioso, o rei levantou-se.

— Que dizes?

E foi ele que avançou agora para o velho prisioneiro. Severo. Ameaçador. Cruel.



nhora... disse-me o que sentis...
pença que vos aflige...

ela conseguiu voltar a cabeça para
seus olhos quiseram sorrir, mas
não deixaram.

rei e senhor... não sei... não
súbito fiquei assim... A
o sei porquê mas pesa-
ação... Sinto... sinto
orrer!

uro agarrou-se às
da sua Princesa.

esa ... Sem vós,
eria viver!

adeiro recurso

rdem para qu

m todos os s

o. No entan

cesa do No

O velho sorriu leve
— Não sou sábio,

um poeta!

O punho fechado do
um soco violento se
ra em que se senta

— Poeta?... E pa

poesia, ne

Ousado, o

um passo

deu a calr

— Par

senhor,

-los fecl

Furioso

— Q

E foi ele

para o v

vero. Ar





Como pensas dessa ma-
e um dilema. Se salva-
e livre para sempre e
e muito ouro... Mas
ra-te a morte mais
inar! Espantosa-
la fosse, o velho
sse apenas:
vai m-



DA DO PASTOR E DA ESTRELA

*...o contar é, precisamente, a história de um boi-
que não viu a sua estrela!*



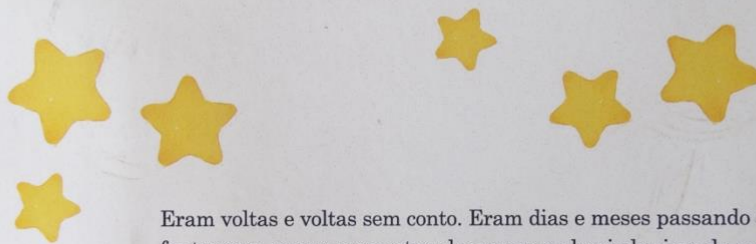
LENDA DO PASTOR E DA ESTRELA

Sim, o que vamos contar é, precisamente, a história de um homem que ouviu, um dia, a sua estrela!

Era um pobre pastor. Vivia numa aldeia triste e tinha, como único amigo, o seu cão.

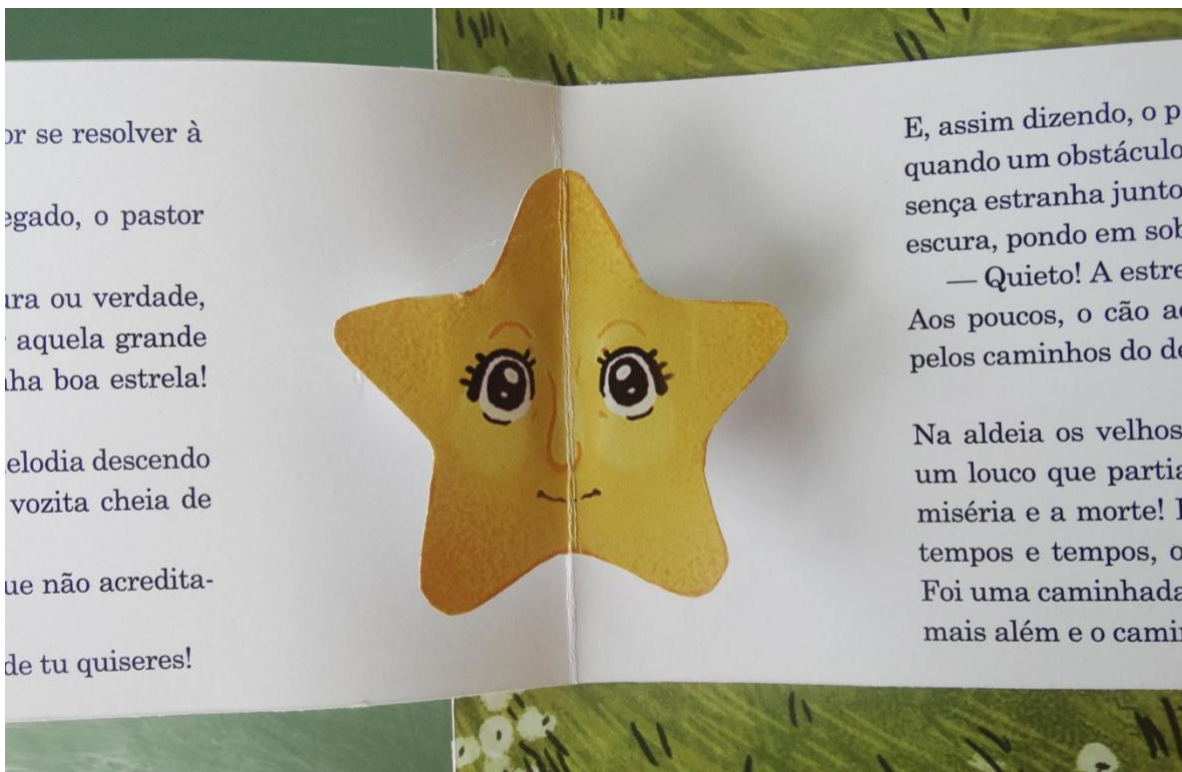
Mas o homem era novo e tinha esperanças. Às vezes, fitava os horizontes e perguntava a si próprio:

— Por que razão não poderei atravessar aquelas serras?... Ir ver o mundo que fica do outro lado? Ah! Hei de ir um dia... hei de ir! Isto aqui é pequeno para mim... e aquelas serras são tão grandes... tão altas!... Que haverá para além das montanhas?..



Eram voltas e voltas sem conto. Eram dias e meses passando como fantasmas, sem que o pastor alcançasse o almejado cimo da serra. E, silenciosamente, seguiu rumo ao alto da serra, o pastor que um dia sonhara abraçar, de lá, todo o horizonte.

Muitos anos passaram. O pastor envelheceu — e a própria estrela também, segundo nos conta a lenda...

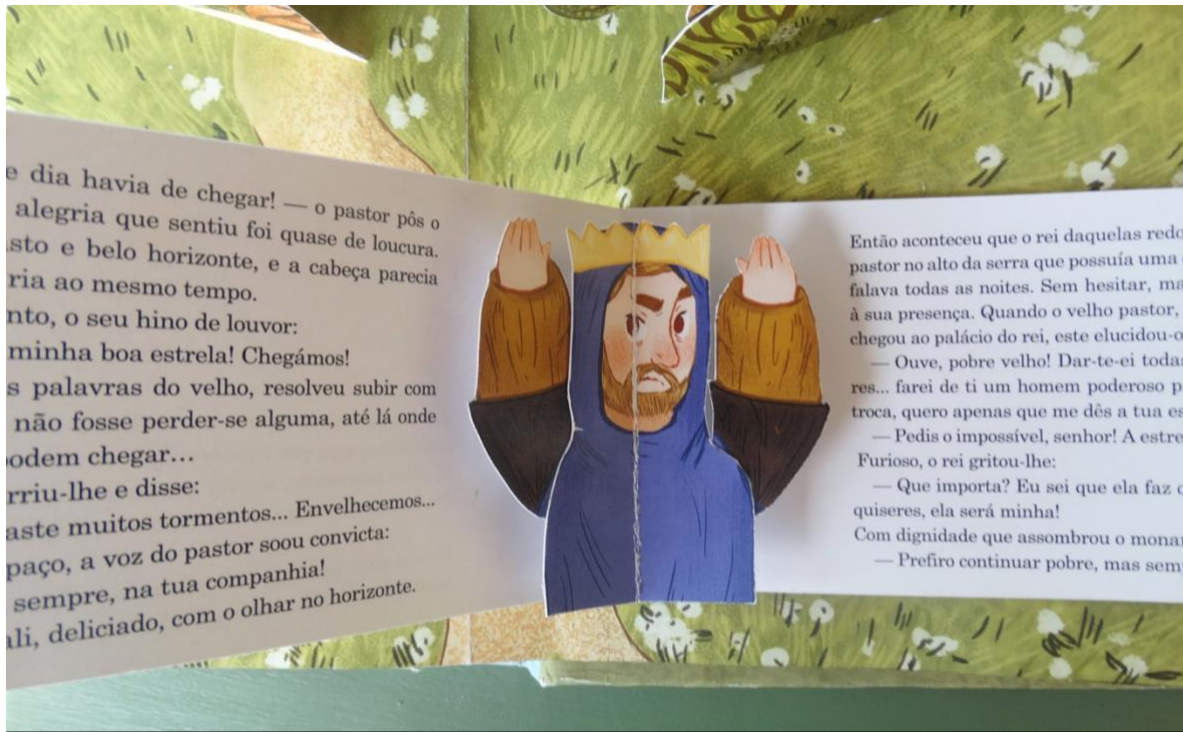


ue ce... o pastor,
e corria de...
para ali, se...
a altura, fo...
ue uma pequ...
rosto de cria...
o mundo? N...
um voz?

— Partir?! Disseste qu...
dera realmente, deixar t...
novas terras!... Quem m...
O pastor ficou-se extá...
vozinha da estrela...
eu-lhe o êxtase, lem...
— Meu bom ami...
tua vontade. Quan...
mes por mim. Eu...
minhas irmãs. A...
E correndo, lige...

or se resolver à
egado, o pastor
ura ou verdade,
aquela grande
ha boa estrela!
elodia descendo
vozita cheia de
ue não acredita-
de tu quiseres!

E, assim dizendo, o p...
quando um obstáculo
sença estranha junto
escura, pondo em sob...
— Quietos! A estre...
Aos poucos, o cão ac...
pelos caminhos do de...
Na aldeia os velhos
um louco que partia
miséria e a morte! I...
tempos e tempos, o...
Foi uma caminhada
mais além e o cami...



e dia havia de chegar! — o pastor pôs o
alegria que sentiu foi quase de loucura.
sto e belo horizonte, e a cabeça parecia
ria ao mesmo tempo.
nto, o seu hino de louvor:
minha boa estrela! Chegámos!
s palavras do velho, resolveu subir com
não fosse perder-se alguma, até lá onde
odem chegar...
rriu-lhe e disse:
aste muitos tormentos... Envelhecemos...
paço, a voz do pastor souu convicta:
sempre, na tua companhia!
ali, deliciado, com o olhar no horizonte.

Então aconteceu que o rei daquelas redondo
pastor no alto da serra que possuía uma
falava todas as noites. Sem hesitar, ma
à sua presença. Quando o velho pastor,
chegou ao palácio do rei, este elucidou-o
— Ouve, pobre velho! Dar-te-ei todas
res... farei de ti um homem poderoso pa
troca, quero apenas que me dês a tua es
— Pedis o impossível, senhor! A estre
Furioso, o rei gritou-lhe:
— Que importa? Eu sei que ela faz o
quiseres, ela será minha!
Com dignidade que assombrou o monar
— Prefiro continuar pobre, mas semp



mo assomo de energia, o velho pastor voltou as costas
eroso e abalou, a caminho da serra. Quando chegou, a
alta. Ele atirou-se para cima da enxerga e mordiscou
a de pão negro. Então, a tal estranha melodia desceu
pio sussurrar-lhe aos ouvidos:
a bem que as riquezas não te tentaram!... Ficaria tão
ei-te passar misérias para te expor ainda mais à ten
sso que receei muito! O rei ofereceu-te verdade
minha boa estrela! Já perdi a conta dos anos. Não
ando nos conhecemos... Mas quero que fiques sabendo
oderei viver sem ti, sem a tua luz, o teu brilho, sem
ça!
licou, fazendo amainar o vento que corria célere:

— Pois quando morreres, meu bom pastor, podes morrer des-
cansado! Eu aqui te prometo que jamais te abandonarei!
Num êxtase, o pastor encarou a sua estrela. O seu brilho intenso
salpicava-lhe de luz os cabelos encanecidos. E o velho, numa voz
de profeta, proclamou, do alto das montanhas:
— Tu te agradeço o que fizeste por mim! De hoje em diante
es para há de chamar-se, e para sempre, a serra da Estrela!
a lenda que, no alto da serra desse nome, pode ver-se, t
as noites, uma estrela que brilha, ainda hoje, duma mane
ranha e diferente. O seu brilho derrama reflexos de saud
de amor sobre a campa desconhecida daquele que foi e co
nuará a ser o seu pastor!









LENDA DAS SETE CIDADES



Não se sabe quando começou. Nem se sabe quando terminará. Mas sabe-se, sim, que a lenda vem correndo de século em século, alimentada e transmitida pela própria voz do povo micaelense.

E a lenda diz que o nosso arquipélago dos Açores não é mais do que os restos duma ilha maravilhosa e estranha, onde outrora governava um rei poderosíssimo....

Pois esse rei, apesar de possuir tesouros incontáveis, vivia triste e taciturno, porque a rainha não lhe dava um filho para lhe suceder no trono. Consultara já os melhores físicos da época, prometera riquezas sem conta, mas a esposa continuava estéril. Estéril! Então o seu desgosto foi crescendo, aumentando, subindo de tal forma que o rei, de bom que era, se tornou mau e cruel e injusto para o povo. Por seu lado, a rainha sofria em silêncio nos aposentos em que se recolhia, fugindo de todos e de tudo. E, como único lenitivo, rezava febril e devotadamente, pedindo ao céu um milagre.

Só um milagre a poderia salvar! Só um milagre poderia salvar o futuro do reino!



— Sim, bem sabes que hoje és um rei tirano. Poucos dos teus vassallos se conservam fiéis porque estão revoltados. Em vez de trazer paz e harmonia, espalhas ódio e guerra. És forte e despótico?



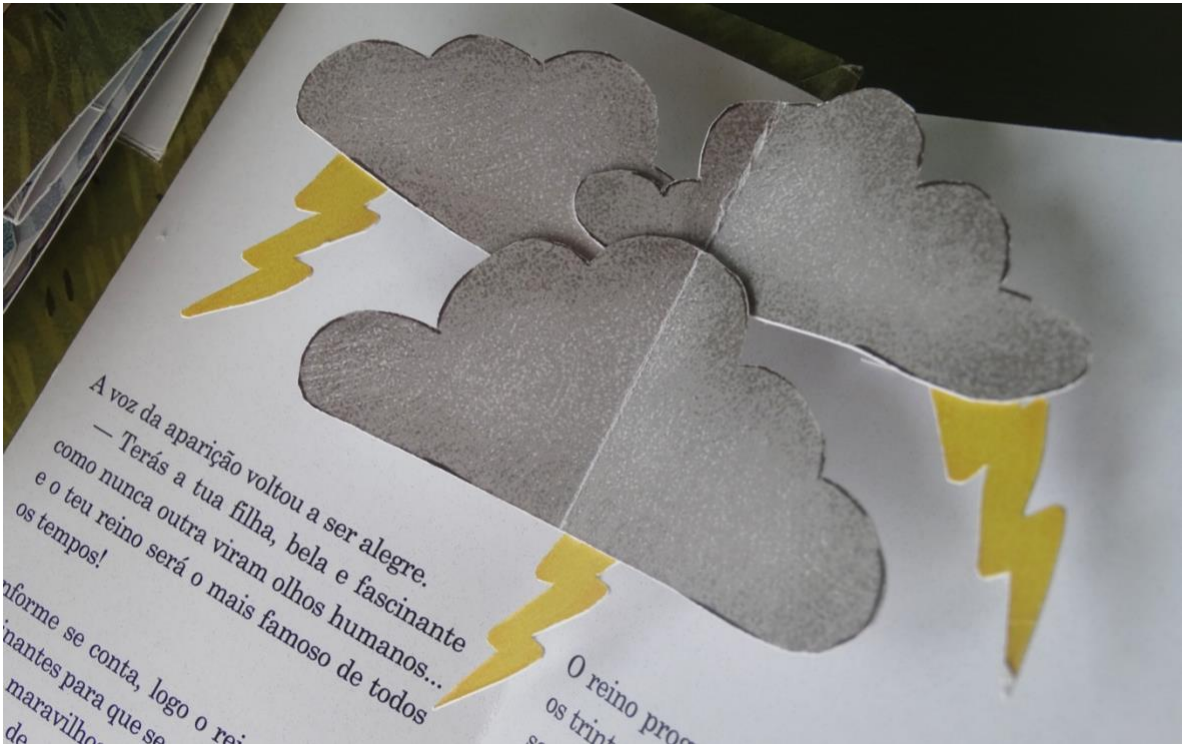
— Ele ergueu os olhos inuncheio de a

ter u
Sorri

uma f
Por m
fugir o
tar a r
se cont
alma q

— U
— N
e desor
cruel. T
nizado c
e adora
bém e a

— Se
Mas dá-
-me a



A voz da aparição voltou a ser alegre.
— Terás a tua filha, bela e fascinante
como nunca outra viram olhos humanos...
e o teu reino será o mais famoso de todos
os tempos!

O reino pro
os trint



Mas o tom misericordioso, que parecia servir para atenuar a tempestade, excitou de repente o rei poderoso e indomável.

— Deixa-te de conselhos!... Eu bem sei o que fazer ... eu sei ... olha, amanhã de madrugada, prepara os nossos melhores cavalos ... porque vamos partir!

— Para onde, real senhor?

A resposta veio firme, irreplicável:

— Para as sete cidades! Vou buscar a minha filha!

— Senhor! Suplico-vos... tende paciência!... Bem sabeis que o que se atrever a tocar nas muralhas antes do prazo indicado... morrerá imediatamente!

— Ah, tens medo! Também tu me abandonas?... Pois irei sozinho!

— Nunca senhor!... E o medo que sinto não é por mim... mas por vós e vossa filha! O rei segurou-o, fê-lo erguer-se e disse-lhe, num resto de energia:

— Então, não discutas mais e faz o que eu te disse. Amanhã partirmos!

Segundo conta a velha história lendária propagada pelo Povo dos Açores, no dia seguinte, ainda mal despertara a alvorada, o rei e Bernardo, o seu fiel servidor; partiram a caminho do castelo, guardado pelas sete cidades. À medida que os dois cavaleiros se aproximavam das muralhas de cobre, as nuvens iam-se tingindo de sangue. Porém o rei, negando ouvidos às súplicas do seu servo dedicado, continuava a cavalgar, obcecado por uma única ideia: ver a filha! Quando chegou junto das muralhas altas e fortes, desembainhou a espada e descarregou sobre elas um espantoso golpe, em que pôs toda a sua impaciência de alma e todo o sofrimento do seu coração. ... Nesse mesmo momento, houve um ruído imenso, a terra estremeceu e das suas entranhas saíram enormes línguas de fogo... O mar, numa fúria indomável, cresceu sobre a terra e envolveu-a completamente... As nuvens e as ondas misturaram-se, confundiram-se, num cenário de tragédia...



